

FERNANDA OMELCZUK  
GEORGINA MARTINS  
MARIANA G. M. DE FARIA  
VERA MAIA

não conta  
pra ninguém

*edelbro*

não conta  
pra ninguém

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Não conta pra ninguém / Fernanda Omelczuk... [et al.] ; [ilustração  
Martina Schreiner]. -- 2. ed. -- Porto Alegre, RS : Edelbra, 2025.  
Outros autores: Georgina Martins, Mariana G. M. de Faria, Vera Maia.

ISBN 978-65-5750-122-1

1. Contos brasileiros I. Omelczuk, Fernanda. II. Martins, Georgina. III.  
Faria, Mariana G. M. de. IV. Maia, Vera. V. Schreiner, Martina.

25-262850

CDD-B869.3

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

*edelbra*

não conta  
pra ninguém

FERNANDA OMELCZUK  
GEORGINA MARTINS  
MARIANA G. M. DE FARIA  
VERA MAIA



# Sumário

**A força humanizadora de *Não conta pra ninguém* • 6**

**Balde de água fria • Fernanda Omelczuk • 11**

**Leo e o Super-Homem • Georgina Martins • 23**

**Lugares de Clarice • Mariana G. M. de Faria • 33**

**Coração-de-boi • Vera Maia • 47**

**Bicicleta marrom • Fernanda Omelczuk • 55**

**Brincadeira de criança • Georgina Martins • 71**

**O julgamento de Felipa • Vera Maia • 95**

**Hora do recreio • Mariana G. M. de Faria • 113**

**As autoras • 126**

## A FORÇA HUMANIZADORA DE *NÃO CONTA PRA NINGUÉM*

*Não conta pra ninguém* é uma coletânea de contos escritos por mulheres que relatam experiências humanas profundas e, por vezes, dolorosas. Os textos abordam temas como desilusão amorosa, luto, identidade de gênero, violência, injustiça social e a complexidade das relações familiares. As autoras, com seus olhares únicos, tratam da diversidade da experiência feminina, e a obra faz refletir sobre a importância da literatura como um direito humano, já que estimula a imaginação, possibilita a compreensão de sentimentos, pensamentos e experiências de outras pessoas, ampliando o repertório linguístico e proporcionando um entendimento mais alargado do mundo.

Os contos de *Não conta pra ninguém* transportam os leitores para diferentes realidades, nas quais acompanham personagens em momentos de vulnerabilidade

que descobrem a força da solidariedade e a importância das memórias afetivas como caminho de cura.

**Balde de água fria**, de Fernanda Omelczuk, apresenta uma experiência dolorosa relacionada ao sonho do amor romântico na vida de mulheres, desde a infância, e as marcas que essa construção social pode deixar. A primeira decepção amorosa e a exposição da inocência da protagonista nas redes sociais é uma história que ecoa na experiência de muitas mulheres.

**Leo e o Super-Homem**, de Georgina Martins, aborda as cruéis lembranças da infância de Leonardo, marcadas pela figura paterna que o queria um “homem de verdade”, reprimindo seus desejos e sua verdadeira identidade. A narrativa convida a refletir sobre as imposições de gênero e sobre a importância de aceitar e respeitar as individualidades.

**Em Lugares de Clarice**, de Mariana G. M. de Faria, o desejo da protagonista de se resguardar das dores e do caos do mundo familiar a leva a buscar refúgio na beleza e utilidade de uma maçaneta, além de encontrar

no amor e no acolhimento um contraponto à monotonia e às limitações da vida.

Os contos **Coração-de-boi** e **O julgamento de Felipa**, de Vera Maia, confrontam os leitores com situações extremas de discriminação, injustiça e culpa. No primeiro, a protagonista se questiona a respeito de sua responsabilidade pela morte da avó; no segundo, a culpa é imposta à menina devido à sua obesidade. As narrativas levam a refletir sobre a fatalidade da morte e sobre as diversas formas de injustiça social, mas também apontam caminhos de saída, seja no acolhimento das memórias afetivas ou na solidariedade humana.

**Bicicleta marrom**, de Fernanda Omelczuk, apresenta o universo infantil de uma menina que vê seu mundo familiar desabar com a separação dos pais, permeado por memórias afetivas, intrigas e recomeços. O conto aborda a difícil experiência da separação sob o olhar da criança e a importância da saúde mental dos filhos nesse processo.

Em **Brincadeira de criança**, de Georgina Martins, os leitores são confrontados com a dura realidade de Maria, obrigada a deixar sua família e ir morar com o tio, que a assedia. A narrativa denuncia a violência sexual infantil e suas consequências traumáticas, mesmo em meio a momentos de aparente afetividade.

**Hora do recreio**, de Mariana G. M. de Faria, apresenta o olhar melancólico de uma menina que se vê retirada da infância precocemente por uma gravidez, observando a vida alheia e transitando pelo mundo adulto que lhe foi imposto, em um vislumbre nostálgico das experiências que não fazem mais parte de sua vida.

Embora os contos não sejam capazes de se contrapor à discriminação que denunciam, eles provocam, durante a leitura, indignação e horror. Tornam-se então, ainda que pelo avesso, um clamor pelo fim da violência e pelo respeito aos direitos humanos.

*Edelbra Editora*



# Balde de água fria

FERNANDA OMELCZUK

Vou contar a verdade sobre essa história toda.

A primeira vez que vi o Marquinhos ele parecia apenas um grande sorriso. A professora tinha mandado a gente nadar quinze minutos sem parar pra saber quantas voltas conseguiríamos fazer. Era o famoso T15. Eu nadei todo o tempo coladinha nele e, quando chegamos à borda, ele respondeu que tinha feito a mesma quantidade que eu.

– Oi, eu sou o Marquinhos! – foi assim que ele se apresentou: Marquinhos. Não era Marcos, Marcos Paulo, Paulo... era o Marquinhos.

Ele falou que já tinha me visto muito antes desse dia.

– Tem alguém nessa raia? – perguntei.

– Tem sim, cegueta. Cuidado que estou aqui.

É assim que Marquinhos conta sobre a primeira vez que me viu. Ele foi uma das primeiras pessoas que conheci no colégio. Quando me mudei pro Centro, tive de procurar outra escola pra terminar o nono ano, pois a do bairro Mariah, onde morei toda a vida, ficava muito longe.

A escola nova não era a melhor da região, mas mamãe parecia só querer uma coisa: que eu continuasse as aulas de nataçãõ. Nadar era o sonho dela. Como vovô nunca teve dinheiro pra isso, ela fez questãõ que eu aprendesse desde pequena. Quando eu era criançã, adorava brincar de sereia com a canga da mamãe amarrada nas pernas. Ficava tanto tempo embaixo d'água que uma vez ela mandou o salva-vidas pular, achando que eu tinha me afogado...

•

As meninas do CEAC – como todo mundo chamava o Centro Educacional Antunes Campos

– usavam roupas coloridas, misturando verde com lilás e listras com quadrados. Na hora da saída, elas colocavam colares por cima do uniforme pra esconder o bordado das iniciais da escola. Pareciam muito mais velhas do que eu, talvez por eu nadar desde pequena e ter pouco peito. Minha mãe diz que a natação não tem nada com isso, mas eu sei que tem!

As meninas também eram simpáticas e tinham os dentes alinhadinhos, e isso era mais uma coisa que me incomodava, pois eu ainda usava aparelho e sorria bem menos do que gostaria.

Acho que Marquinhos nunca descobriu por que eu era tão séria e nadava com cara de tubarão, como ele mesmo dizia.

Logo depois que nos conhecemos, descobrimos que morávamos bem pertinho um do outro e começamos a voltar juntos da escola. Marquinhos, de bicicleta, e eu, a pé. Ele andava mais devagar que o comum pra uma bicicleta, só pra poder me acompanhar.

– Eu também já usei aparelho, machuca pra caramba quando aperta, né? Você tem quantos graus aí nesses óculos? Quanto tempo você consegue ficar embaixo da água? Você sabe andar de bicicleta? Por que não vem de bicicleta pra escola? Você vai na festa da Ju?

Marquinhos me fazia um monte de perguntas, e eu adorava.

À noite, no Facebook, vi que ele tinha me convidado pra ser sua amiga. Fui na página dele só pra ver o que ele postava. Marquinhos tinha um monte de amigos e amigas, fotos de skate, de bicicleta, de campeonatos de natação, de praias. Quando percebi, já era mais de meia-noite. Fui dormir. A aula começava cedo na sexta, e ninguém podia entrar depois que batia o sinal.

•

A primeira coisa que eu fazia quando chegava na sala era olhar pra última carteira do canto esquerdo e

procurar a mochila amarela do Marquinhos. A mochila estava lá, mas ele não... Sentei ao lado da Ju, e Marquinhos entrou em seguida, brincando com Ednaldo, o inspetor que ele adorava chamar de Everaldo só pra ver ele reclamando.

Marquinhos sorria, um sorriso que espalhava confetes por toda a sala e fazia cócegas no meu coração.

– Te convidei pra ser minha amiga no Face.

– Ah, é? Nem vi – menti.

– Olha só...! Como você vai pra festa da Ju amanhã?

– Minha mãe vai me levar...

– Se você quiser, pode ir na minha bike e me puxar no skate!

Eu nunca tinha feito aquilo na vida, mas puxaria o Marquinhos até no fundo do mar.

•

Combinamos às 10 horas no posto. Quando cheguei, ele já estava lá, com cara de sono e voz grossa e lenta. Passou a mão uma centena de vezes naqueles caracóis enroladinhos que ele tinha nos cabelos. Acho que de propósito, só pra fazer charme.

A Ju estava fazendo 15 anos, mas a festa foi toda diferente, nada de vestido cor-de-rosa, valsa, príncipe ou anel. Ela fez um churrasco que começou de manhã e só acabou à noite. A casa estava linda! Cheia de fitas amarradas pelo teto e balões boiando na piscina.

Marquinhos era muito amigo do Diogo, irmão mais velho da Ju. Ele era um prego dentro d'água. E fora também.

– Me apresenta essa namoradina nova aí, Marquinhos.

De cara, eu não gostei dele, mas Marquinhos parecia achar ele o máximo!

– Não sou namorada dele, não...

Voltei sozinha pra área da piscina e fiquei com as meninas da escola até o entardecer. Diogo já

tinha ficado com grande parte delas, e Ju era amiga de quase todas.

Marquinhos apareceu de repente, passou as mãos por cima dos meus ombros e me entregou um bilhete escrito no guardanapo. Deu um pulo no banco e sentou do meu lado. A Ju chamou as meninas pra dançar. Não sei se ela já sabia...

*Quero levar você pra longe*

*Pra onde o tempo se arrasta com sono*

*E as paixões não têm dono*

Sorri (com os lábios esticados e fechados, escondendo o aparelho). Perto do Marquinhos eu me sentia eu duas vezes. Coloquei o guardanapo no bolso e ficamos ali sentados, sem falar nada. E era mesmo o silêncio quem melhor explicava o Carnaval que acontecia dentro de mim...

Ele se levantou e me pegou pela mão. Fomos para o quarto do Diogo, que naquele instante se transformou

no lugar mais longe do mundo. Marquinhos fechou a porta e me olhou. A música da festa foi ficando distante, dando espaço para barulhos que só eu e Marquinhos fazíamos e ouvíamos... Foi o fim do que até há pouco tempo era apenas um desejo meu e dele. Se eu pudesse ver o que senti, acho que seria invisível de tão gigante.

Só saímos quando o parabéns começou. Demos de cara com Diogo, que foi logo entrando no quarto e fechando a porta. Achei estranho, mas, como eu já tinha uma certa implicância com ele, resolvi não comentar nada pra não cortar o nosso clima.

Se eu tivesse acreditado na minha intuição, teria evitado todo o resto.

•

Fomos embora logo depois; eu tinha combinado com minha mãe que às 9 horas da noite estaria em

casa. Voltei puxando o Marquinhos no skate, com a sensação de que, com ele ao meu lado, teria aventura e surpresas pro resto da vida.

– Isso é bom demais! Eu devia ter feito antes! Cuidado aí, tubarões! Tá achando que está dentro d'água? Esqueceu os óculos em casa, é? Você comeu o brigadeiro? Sobre o que vocês ficaram conversando na piscina? Você vai participar do Intercolegial de natação? Em que provas você vai competir?

Marquinhos me fazia um monte de perguntas, e eu estava tão anestesiada de alegria que nem percebi que sobre nós dois ele não perguntou nada. No posto, ele beijou minha mão e foi embora, pedalando com o skate embaixo do braço.

Entreí em casa devagarzinho e senti um alívio imenso quando vi que mamãe estava dormindo com a televisão ligada. Sempre ouvi dizer que ficava escrito na nossa testa: TRANSEI. Na minha devia ter um relatório de tudo o que tinha acontecido naquela noite.

Fui dormir pensando que nosso filho também se chamaria Marquinhos, pra herdar do pai o espírito desafiador e a liberdade. Marquinhos Júnior entraria na natação com 6 meses de idade. Nossa casa teria uma piscina com 25 metros de comprimento pra toda a família nadar junto. A festa de casamento seria parecida com a festa de 15 anos da Ju, porque eu adorei as fitas penduradas no teto. Ju seria minha madrinha. Com certeza Marquinhos ia querer o Diogo como padrinho e eu teria de aceitar.

Quando acordei, fiquei esperando um buquê de rosas vermelhas. Sempre achei isso lindo! Podia ser até uma planta carnívora. Vinda do Marquinhos, teria muito mais sentido e seria tão bonita quanto o buquê de rosas vermelhas.

Mas, não, essa não é uma história de amor. Marquinhos não era doce, carinhoso, diferente, divertido, engraçado, romântico, apaixonado e meu. Marquinhos era do mundo. Do mundo e de todo mundo!

No domingo, ele não deu sinal de vida. Minha esperança era encontrá-lo na segunda-feira.

Procurei por sua mochila amarela e esperei que seu sorriso entrasse na sala. Dessa vez, não foi o sorriso do Marquinhos que vi, mas milhares de risinhos que pareciam saber de algo que só eu, na escola inteira, não sabia. Não gostei do jeito com que Diogo e seus amigos me olharam e não achei Marquinhos em parte alguma.

Vi a Ju encostada na pilastra, conversando com mais duas meninas que saíram de perto quando cheguei:

– Que mole você deu, hein!?

– O que está acontecendo?

– Ah, vai dizer que você não sabe? Tava achando que ia virar estrela de Hollywood?

Custei, mas entendi tudo, principalmente o porquê de Diogo e Marquinhos terem sumido no meio da festa e Diogo ter entrado apressado no quarto depois que saímos de lá: Marquinhos havia transformado nossa história em cinema, o quarto do Diogo em set de filmagem e depois toda a escola em bilheteria.

Corri até a piscina para procurá-lo e vi que ele estava dentro d'água. Pulei bem em cima daqueles caracóis ridículos que ele tinha na cabeça. Segurei neles com força e empurrei pra baixo. Marquinhos envolveu minhas pernas tentando me puxar, mas eu respirei e fui com tudo pro fundo, minha boca direto no peito dele. Mordi com tanta força que meu aparelho ficou cravado na sua pele. Só soltei quando senti o gosto de sangue na boca.

Satisfeita por merecer o apelido que ele mesmo me deu, empurrei a borda e fui nadar. Vi que Marquinhos saiu da piscina gritando, com a mão no peito mordido, bem na altura do coração. Eu queria continuar nadando e não parar nunca mais. Nadar pra sempre, até murchar.

Dentro d'água não dava pra ninguém me ver chorando.



# As autoras

## FERNANDA OMELCZUK

Eu sou a Fernanda Omelczuk. Desde criança tive de soletrar meu sobrenome pras pessoas e continuo fazendo isso até hoje. Outra coisa que continuo fazendo é escrever histórias, pois, quando coloco no papel as coisas que imagino, elas param de tentar me convencer que são reais – será que é coisa de psicóloga?

Sou professora na Universidade Federal de São João del-Rei, onde moro com minha filha. Em 2022 produzi o filme documentário *Hora (in)certa*, sobre a vida de estudantes mães.

## GEORGINA MARTINS

Sou Georgina, nasci na madrugada de um dia muito frio, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aprendi com meus pais a gostar de ler e de escrever. Para eles, a coisa mais importante do mundo era o estudo. Além de cuidado e carinho, era a única coisa que podiam me dar. Lá em casa, o conhecimento era a nossa religião, por isso decidi ser escritora e professora.

Tenho três filhos e vários livros publicados.

## MARIANA G. M. DE FARIA

Meu nome é Mariana, nasci em São Paulo, filha de mãe poeta e pai mineiro, exímio contador de causo. Foi através do incentivo deles que escrevo desde sempre, juntando à minha história de vida um tanto da cidade maravilhosa. Sou psicóloga e moro no Rio, mas foi na oficina de literatura Confraria da Língua que resolvi me dedicar à Literatura para jovens.

## VERA MAIA

Olá! Eu sou Vera. Para meus pais, Vera Lúcia. Sou carioca – mistura de português, negro, alemão e holandês. Estudei em colégio feminino, experiência ímpar que ainda hoje inspira contos como “O julgamento de Felipa”. Filha única, privando do mundo adulto, guardo densas lembranças, que resultaram em textos mais fortes, como o conto “Coração-de-boi”. Exerci o magistério (Mestre em Filosofia da Educação) e me dediquei à Literatura. Meu livro mais recente é a reunião de contos *Ainda que tarde* (7Letras).

2ª edição, 1ª impressão, 2025

Projeto gráfico: Martina Schreiner

Revisão: Rosana Maron

**Edelbra**

[www.edelbra.com.br](http://www.edelbra.com.br)

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | [cae@edelbra.com.br](mailto:cae@edelbra.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

LOGO FSC  
PRETO E BRANCO

Impresso no Brasil pela Edelbra Indústria de Livros Ltda.

*Não conta pra ninguém* é uma coletânea de oito contos impactantes escritos por mulheres. Eles revelam segredos, dores e a força da superação. As narrativas expõem personagens em busca de si: são pessoas que enfrentam desilusões, perdas, injustiças e a complexidade das relações familiares. Nessas histórias, a força da literatura aparece como ferramenta para entender o mundo e a nós mesmos, apresentando-a como um direito humano essencial. Prepare-se para se emocionar com a força humanizadora dessas vozes.

**edelbra**

ISBN 978-65-5750-122-1



9 786557 501221